

# AL-JAZIRA COMEÇA A VOLTA AO MUNDO

O sol nasceu hoje como de costume, e enquanto aparecia em Washington, já se tinha escondido em Kuala Lumpur; a única diferença é que hoje ia ser seguido pela Al-Jazira English. É esse o *slogan*: a estação que “segue o sol”, transmitindo de quatro continentes – não só de Doha, Qatar, sede da estação-mãe, mas rotativamente, de Londres, Washington DC e Kuala Lumpur, Malásia.

Hoje, às 12h00 (de Lisboa), começa, literalmente, a volta ao mundo da Al-Jazira Internacional.

A celebrar 10 anos de revolução na forma como o mundo árabe produz e consome informação – tendo largamente contribuído para a liberdade de imprensa em países do Médio Oriente –, a Al-Jazira alarga a sua audiência com um canal em inglês, e tem a ambição de tentar mudar a forma como se produz e recebe informação no resto do mundo.

Trazer o Este para o Oeste e o Sul para o Norte é a ambiciosa ponte que a Al-Jazira se propõe erigir.

Hoje, em Portugal ou na Tailândia, em horas diferentes, os espectadores poderão sintonizar o novo canal de informação em inglês. Terá um aspecto gráfico e formato muito semelhante aos outros – notícias durante todo o dia, documentários, debates –, mas é só aparência. A informação e conteúdo dos programas vai variando forçosamente, porque não vem sempre do mesmo lugar do mundo.

A metáfora com o sol é óbvia: o importante não é que as notícias vão a todo o mundo – qualquer canal internacional de informação faz isso; o importante é que as notícias, como o sol, nasçam em toda a parte.

## Na Europa

“Não vem de olhos ocidentais”, comenta Barbara Serra, a informação que a Al-Jazira pretende criar. De repente detém-se. Fala-se sempre nos *media* ocidentais e do seu domínio da informação no mundo, mas “occidental” é uma palavra onde o discurso encrava. “Nem sequer é ocidental”, continua a jornalista contratada pela Al-Jazira para o estúdio de Londres. “É anglo-saxónico. Os ingleses e americanos têm dominado as notícias.” E explica: “A BBC é um canal anglo-saxónico, não representa Portugal ou Itália...”

Serra não é a primeira a reparar. É um comentário que se ouve a muitos jornalistas estrangeiros em Londres: a BBC é muitas vezes seguida por outros *media* como uma bíblia, mas a sua perspectiva é forçosamente anglo-saxónica.

É o primeiro canal internacional em inglês com origem no Médio Oriente. Com estúdios em quatro continentes, é mais do que um canal internacional – é multicultural e pretende alterar o peso da balança da informação. Traz o Este e o Sul. Nasce hoje. *Por Susana Moreira Marques, Londres*

KARIM JAAFAR/AFP



Um novo canal global em inglês com a ambição de contrariar a hegemonia das estações anglo-saxónicas

Barbara Serra é um dos muitos nomes conhecidos da BBC e de outros canais que se juntaram à cadeia. Da lista até faz parte uma “estrela”, Sir David Frost. De origem italiana, Serra está habituada a fazer história: foi a primeira, e única, apresentadora cujo inglês não é a primeira língua a chegar a um grande canal

nacional britânico (o 5). Serra agarrou uma oportunidade “que só aparece uma vez na vida”: a partir de agora, passa os fins-de-semana em Londres – como apresentadora –, mas nos outros dias está pronta para apanhar um avião para qualquer parte da Europa, explica com genuíno entusiasmo. A equipa de Lon-

dres cobre toda a Europa. Há uma razão para ser ela uma das correspondentes na Europa. Serra é italiana, cresceu na Dinamarca e vive no Reino Unido. Conhece bem a realidade europeia. “Quem é que pode cobrir melhor uma história em Portugal: um jornalista português ou alguém que vem de fora?”, pergunta,

para argumentar que na Al-Jazira os jornalistas cobrem o que conhecem.

Nos Estados Unidos, aponta Serra, não há só norte-americanos, mas também sul-americanos. Em Londres, a equipa não é feita de britânicos. “Nós falamos inglês [no canal], mas vim de todas as partes do mundo.” A forma como ela descreve o

## Exclusivo em Portugal no Clix SmarTV

Começou por ser anunciado que estaria disponível a partir de hoje em 40 milhões de casas, mas ontem a Al-Jazira esclareceu que o canal em língua inglesa pensa chegar a mais de 80 milhões. Entre os principais distribuidores na Europa estarão o Canal Sat (França), Kabel Deutschland (Alemanha), a Sky (Reino Unido) e a Sky Itália. Por enquanto, em Portugal só é possível aceder à Al-Jazira English através do serviço Clix SmarTV, a televisão por Internet do Clix/Novis, o operador da Sonaecom, ou então através de parabólica tradicional. No Clix SmarTV o novo canal pode ser integrado a partir do pacote Basic (22,50 euros, 30 canais base mais dez opcionais pré-definidos), desde que por troca de um dos canais opcionais.

ambiente de trabalho sugere um canal verdadeiramente multicultural.

É esse o trunfo apregoado pela Al-Jazira English: pretende treinar jornalistas locais e encomendar programas feitos localmente. Aos quatro estúdios principais somam-se delegações mais pequenas.

## Sucesso na Ásia e África

Hugh Miles está sempre a ser interrompido pela má ligação telefónica. É uma das coisas a que se vai habituando, passando tanto tempo no Cairo. Outra é a limitada informação em inglês: a BBC World não tem a qualidade da BBC e a CNN não chega, desabafa.

Menos mal que fala árabe. Miles escreveu um livro sobre a Al-Jazira e, para quem tenha dúvidas, ele que passou muitas horas a ver o canal, assegura que é de “grande qualidade” e “classe mundial”.

A sua opinião é que a Al-Jazira English está destinada a ter grande sucesso. Talvez não na Europa, em que os meios de comunicação social locais são muito bons, mas noutros sítios em que há menos escolha. Para Miles, se a Al-Jazira conseguir outra revolução, será menos nos países desenvolvidos, mas nos países em vias de desenvolvimento, na Ásia e na África. Porque, afinal, o sol não nasce para todos. ■

## Estreia nos Estados Unidos vai ser discreta

Ninguém espere foguetes e festa para o início das emissões da Al-Jazira English, avisava a revista *Forbes*, a propósito da entrada do canal árabe com sede no Qatar no espectro televisivo norte-americano. Sem dúvida que a estreia do canal acabará por ser tratada como um marco histórico na história do jornalismo e da televisão da América; só não deverá ser recordada com a mesma fanfarra e entusiasmo com que, por exemplo, a *pivot* Katie Couric apresentou pela primeira vez o noticiário da NBC.

Apesar do burburinho em Washington, onde os avanços e recuos no início das emissões da Al-Jazira foram sendo acompanhados com interesse pela comunidade jornalística e política, no resto da América impera a indiferença ou mesmo o desconhecimento do novo canal.

Uma explicação para esta descrição inicial é o facto de nem todas as empresas de cabo terem aceitado negociar a inclusão da Al-Jazira

nos seus respectivos alinhamentos — uma decisão que dá conta da “intolerância” americana relativamente ao canal que é associado à disseminação das mensagens da Al-Qaeda mas também do “proteccionismo” com que se blindaram os canais noticiosos americanos (apenas a Globecast, uma empresa detida maioritariamente pela France Telecom, integrou o canal na sua grelha).

No arranque, os americanos mais curiosos terão de usar o computador para conseguir seguir as emissões da Al-Jazira English (disponível no endereço English.aljazeera.net). De resto, poderão subscrever o canal através dos serviços de dois *sites* que distribuem pela Internet os sinais de centenas de estações de televisão do mundo.

Num curto comunicado, a Administração Bush deu as boas-vindas ao novo canal. “Uma imprensa livre tem a responsabilidade de divulgar as notícias de forma responsável

e objectiva, e a Casa Branca está sempre disponível para trabalhar com todos os meios de comunicação para que isso aconteça”, disse a porta-voz Dana Perino.

A curta experiência de Dave Marash, um conhecido jornalista da ABC que será um dos rostos dos noticiários da Al-Jazira de Washington, não indica tão boa vontade da parte das autoridades americanas — o repórter mereceu profundas críticas e mesmo ameaças por reportagens feitas no Iraque ou por peças em que incluía montagens de vídeos de Osama bin Laden.

Mas Marash confia que, assim que o público se familiarizar com o novo produto, os preconceitos contra a estação árabe começarão a dissipar-se. “As pessoas vão perceber que aqui não há agendas, nem partidos, nem filiações. Temos as mesmas táticas e técnicas dos outros canais, mas temos de ter uma outra aspiração”, esclareceu. RITA SIZA, WASHINGTON